

Língua Portuguesa

Organização do Texto

Organizadores

Maria Lúcia V. de Oliveira Andrade

Neide L. Rezende

Valdir Heitor Barzotto

Elaboradora

Maria Lúcia V. de Oliveira Andrade



módulo

Nome do Aluno _____

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador: *Geraldo Alckmin*

Secretaria de Estado da Educação de São Paulo

Secretário: *Gabriel Benedito Issac Chalita*

Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas – CENP

Coordenadora: *Sonia Maria Silva*

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: *Adolpho José Melfi*

Pró-Reitora de Graduação

Sonia Teresinha de Sousa Penin

Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária

Adilson Avansi Abreu

FUNDAÇÃO DE APOIO À FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAFE

Presidente do Conselho Curador: *Selma Garrido Pimenta*

Diretoria Administrativa: *Anna Maria Pessoa de Carvalho*

Diretoria Financeira: *Sílvia Luzia Frateschi Trivelato*

PROGRAMA PRÓ-UNIVERSITÁRIO

Coordenadora Geral: *Eleny Mitrulis*

Vice-coordenadora Geral: *Sonia Maria Vanzella Castellar*

Coordenadora Pedagógica: *Helena Coharik Chamlian*

Coordenadores de Área

Biologia:

Paulo Takeo Sano – Lyria Mori

Física:

Maurício Pietrocola – Nobuko Ueta

Geografia:

Sonia Maria Vanzella Castellar – Elvio Rodrigues Martins

História:

Kátia Maria Abud – Raquel Glezer

Língua Inglesa:

Anna Maria Carmagnani – Walkyria Monte Mór

Língua Portuguesa:

Maria Lúcia Victório de Oliveira Andrade – Neide Luzia de Rezende – Valdir Heitor Barzotto

Matemática:

Antônio Carlos Brolezzi – Elvia Mureb Sallum – Martha S. Monteiro

Química:

Maria Eunice Ribeiro Marcondes – Marcelo Giordan

Produção Editorial

Dreampix Comunicação

Revisão, diagramação, capa e projeto gráfico: *André Jun Nishizawa, Eduardo Higa Sokei, Mariana Pimenta Coan, Mario Guimarães Mucida e Wagner Shimabukuro*

*Que Stendhal...
leitores, coisa é que adm...
rovavelmente consterna...
ores de Stendhal, nem...
De... cinco. Tr...
na qual eu, Brás Cubo...
um Xavier de Maistre...
ode ser. Ob...
da melanc...
o. Ad...
uro...
anc*

Cartas ao Aluno



Carta da

Pró-Reitoria de Graduação

Caro aluno,

Com muita alegria, a Universidade de São Paulo, por meio de seus estudantes e de seus professores, participa dessa parceria com a Secretaria de Estado da Educação, oferecendo a você o que temos de melhor: conhecimento.

Conhecimento é a chave para o desenvolvimento das pessoas e das nações e freqüentar o ensino superior é a maneira mais efetiva de ampliar conhecimentos de forma sistemática e de se preparar para uma profissão.

Ingressar numa universidade de reconhecida qualidade e gratuita é o desejo de tantos jovens como você. Por isso, a USP, assim como outras universidades públicas, possui um vestibular tão concorrido. Para enfrentar tal concorrência, muitos alunos do ensino médio, inclusive os que estudam em escolas particulares de reconhecida qualidade, fazem cursinhos preparatórios, em geral de alto custo e inacessíveis à maioria dos alunos da escola pública.

O presente programa oferece a você a possibilidade de se preparar para enfrentar com melhores condições um vestibular, retomando aspectos fundamentais da programação do ensino médio. Espera-se, também, que essa revisão, orientada por objetivos educacionais, o auxilie a perceber com clareza o desenvolvimento pessoal que adquiriu ao longo da educação básica. Tomar posse da própria formação certamente lhe dará a segurança necessária para enfrentar qualquer situação de vida e de trabalho.

Enfrente com garra esse programa. Os próximos meses, até os exames em novembro, exigirão de sua parte muita disciplina e estudo diário. Os monitores e os professores da USP, em parceria com os professores de sua escola, estão se dedicando muito para ajudá-lo nessa travessia.

Em nome da comunidade USP, desejo-lhe, meu caro aluno, disposição e vigor para o presente desafio.

Sonia Teresinha de Sousa Penin.

Pró-Reitora de Graduação.

Carta da

Secretaria de Estado da Educação

Caro aluno,

Com a efetiva expansão e a crescente melhoria do ensino médio estadual, os desafios vivenciados por todos os jovens matriculados nas escolas da rede estadual de ensino, no momento de ingressar nas universidades públicas, vêm se inserindo, ao longo dos anos, num contexto aparentemente contraditório.

Se de um lado nota-se um gradual aumento no percentual dos jovens aprovados nos exames vestibulares da Fuvest — o que, indubitavelmente, comprova a qualidade dos estudos públicos oferecidos —, de outro mostra quão desiguais têm sido as condições apresentadas pelos alunos ao concluírem a última etapa da educação básica.

Diante dessa realidade, e com o objetivo de assegurar a esses alunos o patamar de formação básica necessário ao restabelecimento da igualdade de direitos demandados pela continuidade de estudos em nível superior, a Secretaria de Estado da Educação assumiu, em 2004, o compromisso de abrir, no programa denominado Pró-Universitário, 5.000 vagas para alunos matriculados na terceira série do curso regular do ensino médio. É uma proposta de trabalho que busca ampliar e diversificar as oportunidades de aprendizagem de novos conhecimentos e conteúdos de modo a instrumentalizar o aluno para uma efetiva inserção no mundo acadêmico. Tal proposta pedagógica buscará contemplar as diferentes disciplinas do currículo do ensino médio mediante material didático especialmente construído para esse fim.

O Programa não só quer encorajar você, aluno da escola pública, a participar do exame seletivo de ingresso no ensino público superior, como espera se constituir em um efetivo canal interativo entre a escola de ensino médio e a universidade. Num processo de contribuições mútuas, rico e diversificado em subsídios, essa parceria poderá, no caso da estadual paulista, contribuir para o aperfeiçoamento de seu currículo, organização e formação de docentes.

Prof. Sonia Maria Silva

Coordenadora da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas

Apresentação da área

Os módulos de *Língua Portuguesa* deste curso constituem uma forma de levar você, aluno de ensino médio, a refletir sobre a sua língua materna, oferecendo subsídios para melhoria e aprimoramento de seus conhecimentos lingüísticos.

Compusemos o material numa progressão que leva em conta, em primeiro lugar, o seu processo de amadurecimento. Assim, partindo de realidades vivencialmente próximas, o grau de abstração se intensifica dentro de cada unidade e de um módulo para outro.

Estruturamos os módulos em torno de uma posição fundamental: os tópicos gramaticais e textuais constantes do currículo do ensino médio só assumem seu significado pleno quando focalizados a partir da linguagem, entendida como faculdade inerente ao ser humano, pela qual ele interage com seus semelhantes. Por essa razão não fizemos uma separação rígida de assuntos, o que deturparia o caráter essencialmente flexível dos problemas de linguagem.

Dentro desta perspectiva, foram organizados os quatro módulos de Língua Portuguesa e seus respectivos conteúdos: variabilidade da linguagem e noção de norma, morfossintaxe das classes de palavras, processos de organização da frase, organização e articulação do texto, o problema da significação e os recursos de estilo.

Preocupamo-nos com que as aulas levem você a refletir criticamente sobre sua vivência lingüística e, em contato com as normas gramaticais vigentes, habilitem-no a interpretar e a produzir textos representativos das mais diversas situações interacionais.

Com o material que preparamos, você terá a oportunidade de rever os pontos mais importantes sobre a Língua Portuguesa e fazer atividades para avaliar seu progresso e possíveis dificuldades.

Procure ver essa fase de estudos como mais uma oportunidade de aprendizagem sobre o mundo, a sociedade em que vive e sobre você mesmo. Se você entrar nela com esse espírito, seguramente sairá dela enriquecido – não apenas de conhecimentos para ingressar na Universidade, mas também de informações e pontos de vista novos que servirão em toda a sua vida. Daí, sim, você poderá olhar o mundo com confiança. Você pode não se transformar em um cientista, mas será sem dúvida uma pessoa que tem conhecimentos e informações e é capaz de usá-los da melhor maneira possível. Afinal, vale a pena investir em você mesmo.

Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade
Coordenadora de Língua Portuguesa

Apresentação do módulo

Neste módulo, serão abordadas questões relativas à organização textual. Inicialmente trataremos da elaboração do parágrafo, suas qualidades, estruturas e tipos

Em cada unidade, após a explicação referente ao conteúdo da disciplina, apresentamos atividades para que você possa praticar o que aprendeu e, em seguida, indicamos sugestões de leitura e atividades complementares.

Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade
Coordenadora de Língua Portuguesa

Unidade 1

O que é texto?

Como podemos distinguir um texto bem elaborado de meros aglomerados de palavras e frases? Qual a função de seus diversos elementos lingüísticos? Essa funcionalidade não pode ser explicada no âmbito da frase; já que o texto contém mais do que o sentido das expressões que estão em sua superfície, pois deve incorporar conhecimentos e experiências, atitudes e intenções.

Carlos Drummond de Andrade uma vez escreveu:

Lutar com palavras
É a luta mais vã
Entanto lutamos
Mal rompe a manhã.
São muitas, eu pouco
Algumas tão fortes
Como um javali (...).

Ao trabalhar com a língua, é preciso não fazer das palavras – matéria-prima da construção textual – esse “javalí” a que se refere o poeta. Prosseguindo a leitura de “O Lutador”, ficamos sabendo, pela voz do locutor, que a chave da criação textual é a organização e articulação das palavras com lucidez. Como não temos o poder de “encantá-las”, temos necessidade de “encantar” o nosso interlocutor através delas e, quem sabe, fazer dessas mesmas palavras o nosso sustento de vida.

Ainda que a profissão de um indivíduo não seja a de escritor ou qualquer outra que faça da palavra a sua labuta, ele deve manusear adequadamente a língua.

O uso efetivo da língua se dá por meio de textos orais ou escritos. Em sua atividade de construção o locutor (falante/escritor) defronta-se com a necessidade de transmitir significações e criar um material coeso e coerente. Para tanto, utiliza determinados elementos lingüísticos a fim de orientar seu interlocutor (ouvinte/leitor) num determinado sentido.

A eficácia dessa atividade comunicativa depende da seleção e organização dos conteúdos que se pretende transmitir. É imprescindível considerar não só a quantidade e a qualidade da informação, como também o modo pelo qual ela é veiculada.

Organizadores

**Maria Lúcio V. de
Oliveira Andrade**

Neide L. Rezende

**Valdir Heitor
Barzotto**

Elaboradora

**Maria Lúcio V. de
Oliveira Andrade**

É a partir da adequação de suas partes, bem como da não contradição, que o conjunto de enunciados é tecido e entrelaçado por um fio inteligível, constituindo-se em um bloco organizado, ou seja, transformando-se em texto.

Neste momento, cabe uma breve pausa para refletirmos sobre o que é texto. Um conceito apropriado é aquele que considera o aspecto lingüístico e o social. Como bem lembra Enrique Bernárdez, um estudioso do assunto, em sua obra *Introdução à Lingüística do Texto*, publicada em 1982.

Unidade lingüística comunicativa fundamental, produto da atividade humana, que possui sempre caráter social, está caracterizado por seu aspecto semântico e comunicativo, assim como por sua coerência profunda e superficial, devida à intenção (comunicativa) do locutor de criar um texto íntegro e a sua estruturação mediante os conjuntos de regras: as próprias do nível textual e as do sistema da língua. (p. 85).

Tendo em conta essa concepção, podemos apontar um conjunto de fatores para a existência de um texto; dentre tais fatores destacam-se:

- a) caráter comunicativo: atividade;
- b) caráter pragmático (referente ao uso): intenção do locutor, situação comunicativa;
- c) caráter estruturado: existência de regras próprias relativas ao nível textual (de organização lingüística do texto).

A convergência desses fatores cria a textualidade, definida como trama ou textura que faz uma construção lingüística ser um texto. Para melhor estudarmos os textos, devemos olhar para as partes que os alicerçam. A seguir, discutiremos um pouco sobre cada uma dessas partes ou unidades constitutivas dos textos.

○ TEXTO ESCRITO E O PARÁGRAFO

A elaboração do texto escrito envolve um objetivo ou intenção do locutor. Contudo o entendimento desse texto não diz respeito apenas ao conteúdo semântico, mas à percepção das marcas de seu processo de produção. Essas marcas orientam o interlocutor no momento da leitura, na medida em que são pistas lingüísticas para a busca do efeito de sentido pretendido pelo locutor.

Um texto escrito tem no **parágrafo** a sua unidade de construção. Essa unidade é composta de um ou mais períodos reunidos em torno de idéias estritamente relacionadas. Em termos práticos, os parágrafos podem ser identificados por recursos visuais: espaço de entrada junto à margem esquerda ou linha em branco na passagem de um parágrafo para outro.

Nos textos bem-formados, em geral, a cada parágrafo deve relacionar-se uma idéia importante, não havendo normas rígidas para a paragrafação. De fato, o locutor pode fazer uso da paragrafação para marcar a sua intencionalidade.

Embora a extensão do parágrafo seja variável, a observação mostra que a tendência moderna é não usar parágrafos muito longos. Quanto à sua estrutura, o parágrafo padrão, aquele de estrutura mais comum e eficaz, organiza-se como um pequeno texto (microtexto), apresentando introdução, desenvolvimento e conclusão.

O parágrafo que se inicia por uma frase-núcleo (também designada idéia-núcleo ou tópico-frasal) oferece maior legibilidade, visto que tal frase funciona como elemento desencadeador das idéias subseqüentes.

Vejamos, como exemplo, o trecho a seguir:

(1) A sociedade industrial moderna destruiu a imagem de coerência estética da cidade. A persistência do discurso cultural identificado com a qualidade do entorno construído que permitia a progressiva articulação de diferentes manifestações artísticas – a praça da Annunziata no centro medieval de Florenza ou a coexistência de estilos sucessivos na praça São Marcos de Veneza –, se desintegra ante a extensão da agressiva volumetria das edificações e a nítida segregação territorial dos grupos sociais que nela habitam. Ao tecido consolidado do “centro urbano”, denso de símbolos e significados, contrapõe-se o anonimato individual de “suburbia”, nos Estados Unidos atualmente a periferia é ocupada por 50 milhões de habitações isoladas. Quem planeja e realiza a cidade atual? São os especuladores, empresários, incorporadores, engenheiros, proprietários de terra – em Dallas ou Atlanta são E. Rouse, G. Hines, J. Portman ou D. Trump – e os desamparados. Resta pouco espaço para o Estado e para os urbanistas e projetistas que representam a vanguarda do saber profissional. (Roberto SEGRE, “Havana: o resgate social da memória”. In: *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: DPH- Secretaria. Municipal de Cultura, 1992, p. 102.).

O primeiro período (em negrito com o intuito de destacar a idéia central do parágrafo) constitui a frase-núcleo que contém uma declaração inicial sobre a estética da cidade moderna. A partir do segundo período, o autor passa a fazer considerações sobre o que ocorre, em termos de urbanização, em algumas cidades do mundo e quais as causas dessa situação. Lança ainda uma questão – “Quem planeja e realiza a cidade atual?” – para poder elencar quais são os principais responsáveis e poder encaminhar o leitor para a conclusão. Esta é feita de maneira direta, sem a ajuda de operadores discursivos, tais como: deste modo, portanto etc. Revela, na verdade, a conseqüência do que foi abordado em todo o trecho: “Resta pouco espaço para o Estado e para os urbanistas e projetistas que representam a vanguarda do saber profissional”.

QUALIDADES DO PARÁGRAFO

A construção de um parágrafo bem estruturado exige que este apresente unidade, coerência, concisão e clareza, visto tratar-se de uma interação à distância, em que não há possibilidade de participação direta e imediata do interlocutor, como ocorre no texto oral (uma conversação entre amigos, por exemplo).

- **Unidade:** cada parágrafo pode conter somente uma idéia principal. As idéias secundárias devem estar relacionadas à principal, sem acréscimos ou digressões que possam quebrar a unidade pretendida.
- **Coerência:** a organização do parágrafo deve ser feita de tal forma que fique evidente o que é principal. É indispensável que haja relacionamento de sentido entre a idéia principal e as secundárias desenvolvidas no texto.
- **Concisão:** o parágrafo deve conter a quantidade de informação adequada ao objetivo do texto. A concisão, porém, não deve ser alcançada em detrimento da clareza.

- **Clareza:** a escolha das palavras adequadas ao contexto concorre, em grande parte, para que o parágrafo se torne claro e para que a sua leitura possa ser feita de maneira eficiente, atingindo a compreensão.

A transição de um parágrafo para outro não deve ser brusca; impõe-se um encadeamento lógico e natural entre os parágrafos. Em alguns casos, torna-se indispensável acrescentar ao texto um parágrafo de transição para que o encadeamento das idéias se faça de maneira coesa e harmoniosa. Entretanto, é aconselhável que o texto não apresente parágrafos repetitivos sem necessidade, pois a repetição pode interromper o fluxo informacional, tornando o material redundante e cansativo.

ESTRUTURA DO PARÁGRAFO PADRÃO

Conforme já dissemos, o parágrafo padrão organiza-se de forma similar ao texto propriamente dito (macrotexto).

O processo de estruturação de um texto envolve **delimitação do assunto, formulação do objetivo, introdução** (em que se deve utilizar a frase-núcleo por meio de: declaração inicial, alusão histórica, interrogação, definição etc.) **desenvolvimento da idéia principal** (através de ordenação por tempo e espaço, enumeração, contraste, causa e consequência, explicitação, entre outros). Finalmente, é preciso concluir o assunto: pode-se fazer uma síntese dos aspectos abordados no desenvolvimento ou apresentar o resultado ou consequência das idéias expostas. Na verdade, a conclusão ratifica a frase-núcleo.

Voltemos ao exemplo (1). Após a leitura do parágrafo, podemos destacar:

- **Assunto:** arquitetura e urbanismo.
- **Delimitação do assunto (tema):** estética da cidade moderna.
- **Objetivo:** mostrar que, na sociedade industrial moderna, os profissionais da área de urbanismo pouco podem fazer em relação ao planejamento das cidades.
- **Frase-núcleo:** o primeiro período do parágrafo.
- **Desenvolvimento:** desde “A persistência do discurso cultural...” até “e os desamparados”.
- **Conclusão:** último período do parágrafo.

PARÁGRAFO NARRATIVO E PARÁGRAFO DESCRITIVO

A diversidade de textos implica a diversidade de construção de parágrafos. Temos, então, a estrutura do parágrafo descritivo, a do narrativo e a do dissertativo.

Enquanto o núcleo do parágrafo dissertativo é uma **determinada idéia** (idéia-núcleo ou idéia principal, como já estudamos no exemplo 1), o do narrativo é um **incidente** (episódio curto ou fragmento de episódio) e o do descritivo é um **quadro** (fragmento de paisagem, ambiente ou ser num determinado instante, observado a partir de determinada perspectiva).

Vejamos os exemplos a seguir:

(2) Foram só 73 segundos de voo. O ônibus espacial Challenger havia arrancado, aparentemente com sucesso, da base do cabo Canaveral, na Flórida, e já estava a 16 quilômetros de altitude, quando sobreveio uma tragédia: a nave transformou-se abruptamente em uma bola de fogo. Hora exata: 11h39m de 28 de fevereiro. (Isto é, dez. 1986. apud Carlos FARACO, *Trabalhando com narrativa*, 2.ed., São Paulo: Ática, 1992, p. 7.)

(3) A Catedral de Brasília é um dos prédios que mais me agradam na arquitetura da nova capital. É diferente de todas as catedrais já construídas. Com a galeria de acesso em sombra e a nave colorida, ela estabelece um jogo, um contraste de luz que a todos surpreende; cria com a nave transparente uma ligação visual inovadora entre ela e os espaços infinitos; tem na sua concepção arquitetural um movimento de ascensão que a caracteriza e não apresenta fachadas diferentes como as velhas catedrais. É pura, como obra de arte. (Oscar NIEMEYER, *A catedral e as cadeiras*, in: *Folha de S. Paulo*, 20 maio de 1992, Caderno 1, p. 3.)

No texto (2), o parágrafo é narrativo, já que se tem uma notícia sobre um fato real; desenvolve-se sob a influência do tempo cronológico (nos contos e romances narram-se acontecimentos que se desenvolvem a partir do tempo cronológico ou do psicológico) e inclui um procedimento: seqüência de ações que se encaminham para um desfecho ou epílogo. O núcleo do parágrafo narrativo é, como já dissemos, um incidente. Nele não há frase núcleo explícita, visto que o seu conteúdo é um instante no tempo e, portanto, teoricamente imprevisível, tecnicamente impossível de antecipar. Lembra um quadro de um filme, como se pudéssemos parar a máquina de projeção para analisar todos os detalhes da ação:

No texto (3), tem-se um parágrafo descritivo, pois, nele, o locutor pretende apresentar características e qualificações de certa realidade. Nota-se que a sua estrutura é espacial e atemporal: a intenção é fixar, “fotografar”, tornar perceptível um determinado objeto: a catedral.

A idéia principal deste parágrafo é a diferença existente entre a catedral de Brasília e as demais já construídas. A qualidade do texto repousa na percepção do observador que busca apresentar o objeto através de seus traços particularizantes.

PARÁGRAFO: OS LIMITES DO SENTIDO?

Etimologicamente, o termo parágrafo (do grego *parágraphos*, pelo latim *paragraphu*) significa “pôr à parte, separar uma coisa de outra”. Marca, portanto, uma seção textual que possui sentido completo. Mas como uma unidade de construção pode revelar o efeito de sentido pretendido por seu autor? Que recursos possui para limitar ou equacionar a significação?

Para responder a essa pergunta é preciso olhar atentamente para a produção de alguns autores representativos de nossa literatura: Machado de Assis, Oswald de Andrade, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, dentre outros. Em tais textos, encontramos uma variedade de estilos, mas a questão não se restringe ao estilo. Ela é mais profunda e tem a ver com a dimensão representativa do conteúdo. Em outras palavras, enquanto os parágrafos curtos refletem uma imediatez em relação à mensagem, os longos revelam uma ligação imanente com a noção de temporalidade.

Embora tal noção seja bastante complexa e tenha recebido atenção especial não só da filosofia e da ciência, como também da literatura, é em Claude Zilberberg, um estudioso francês das ciências da linguagem, que encontramos uma definição precisa:

O tempo é a razão do espaço. O espaço é a imagem do tempo. (in: *Razão e poética do sentido*. Paris: PUF, 1988).

A partir dessa afirmação, podemos refletir com mais profundidade a relação espaço-tempo. Na verdade, o que o autor propõe é que tal relação dicotômica tende a se desfazer na medida em que o tempo passa a representar a origem de tudo e somente através dele podemos olhar o espaço, encontrar a imagem. Não temos uma qualidade, mas uma relação espectral, isto é, a imagem (forma) reflete o sentido (razão). E assim como os físicos são convidados a pensar um complexo espaço-tempo, o estudioso da linguagem parece interessado em perseguir o espaço das razões e o tempo das imagens.

Considerando que a paragrafação de um texto narrativo precisa obedecer, por exemplo, à organização temporal (causal) dos dados, vejamos como Machado de Assis estruturou este trecho de *Esauí e Jacó*:

(4) O baile acabou. O capítulo é que não acaba sem que deixe um pouco de espaço a quem quiser pensar naquela criatura. Pai nem mãe podem entendê-la, os rapazes também não, e provavelmente Santos e Natividade menos que ninguém. Tu, mestra de amores ou aluna deles, tu, que escutas a diversos, conclusis que ela era...

Custa pôr o nome do ofício. Se não fosse a obrigação de contar a história com as próprias palavras, preferia calá-lo, mas tu sabes qual é ele, e aqui fica. Conclusis que Flora era namoradeira, e conclusis mal.

Leitora, é melhor negar isto que esperar pelo tempo. Flora não conhecia as doçuras do namoro, e menos ainda se podia dizer namoradeira de ofício. A namoradeira de ofício é a planta das esperanças, e alguma vez das realidades, se a vocação o impõe e a ocasião o permite. Também é preciso ter em lembrança aquilo de um publicista filho de Minas e do outro século, que acabou senador, e escrevia contra os ministros adversários: 'Pitangueira não dá manga'. Não, Flora não dava para namorados.

Após a leitura do texto, constatamos que, com tal distribuição formal, o escritor busca:

- manter uma relação com a narrativa anterior (1º parágrafo);
- fazer uma espécie de apreciação crítica através da voz do narrador (2º parágrafo);
- apontar uma interferência do narrador, estabelecendo um diálogo com o leitor (3º parágrafo).

Já Guimarães Rosa, em seu romance *Grande Sertão: Veredas*, trabalha a temporalidade, aqui relacionada à imagem (forma). Vejamos o trecho a seguir:

(5) Ela era. Tal que assim se desencantava, num encanto tão terrível; e levantei a mão para me benzer – mas com ela tapei foi um soluçar, e enxuguei as lágrimas maiores. Uivei. Diadorim! Diadorim era mulher. Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio Urucúia, como eu solvei meu desespero.

O senhor não repare. Demore, que eu conto. A vida da gente nunca tem termo real.

Eu estendi a mão para tocar naquele corpo e, estremeci, retirando as mãos para trás, incendiável; abaixei meus olhos. E a Mulher estendeu a toalha, recobrando as partes. Mas aqueles olhos eu beijei, e as faces, a boca. Adivinhava os cabelos. Cabelos que cortou com tesoura de prata... Cabelos que, no só ser, haviam de dar para baixo da cintura... E eu não sabia por que nome chamar; eu exclamei me doendo:

— ‘Meu amor!...’

Para criar um cenário que busca recuperar todo o espaço cênico, o autor vale-se da distribuição dos parágrafos como ponto de intensidade máxima do texto. Tal paragrafação não só resolve o dilema das personagens como também cria pistas para que o leitor possa compreender a tragicidade do texto. Em síntese, temos:

- no suposto dialogismo entre o discurso (monológico) do narrador e o silêncio do personagem-ouvinte (Doutor), para o qual é relatado o evento, encontra-se o motivo nuclear da narrativa – Diadorim/Diadorina (1º parágrafo);
- a inferência do personagem-ouvinte transforma, através da voz do narrador-personagem, o parágrafo em aforismo (núcleo da trama): a finitude da existência humana (2º parágrafo);
- a representação do gesto “adâmico” possibilita recuperar a transcendência dos núcleos anteriores da narrativa: vida – morte; realidade – sonho, até chegar ao clímax, que será estruturado no parágrafo seguinte, em que se cria uma imagem dramática do desfecho (3º parágrafo);
- a fala do narrador-personagem “— Meu amor!...” revela a transcendência apontada no parágrafo anterior (4º parágrafo).

Na linguagem jornalística, a paragrafação se estrutura com o auxílio de recursos visuais, visto que não se dissocia mais o texto (conteúdo semântico) de suas imagens. Modernamente, a palavra texto ganha outra configuração, evidenciando a imediaticidade da comunicação, criando uma nova dimensão para o termo, que se transforma em um ícone graças à diluição do textual no visual e vice-versa.

Desse modo, aqueles parágrafos que se distanciam da unidade pretendida e enfocam uma relevância tida ou sentida como digressiva (marginal) são colocados à parte (observe o exemplo 6, que apresenta um quadro colocado no final da reportagem), para não “quebrar” a organização do texto. Tais parágrafos são normalmente destacados sob a forma de quadros com comentários ou informações adicionais a que se remete no corpo do texto.

Vejamos a reportagem (6), retirada da seção Ciência apresentada na revista *Veja* (28 de abril, 2004, p. 106) e colocado a seguir:

(6)

Este rato não precisou de um pai para nascer

Cientistas japoneses criam o primeiro mamífero gerado por duas mães

Na semana passada, a ciência tratou de realimentar um sonho das feministas mais radicais. Pesquisadores japoneses e coreanos apresentaram Kaguya, uma fêmea de camundongo, filha de duas mães e nenhum pai. A experiência, feita na

Universidade de Agricultura de Tóquio, está relatada na última edição da revista científica *Nature*. Kaguya é o primeiro mamífero a ser gerado pelo processo de partenogênese – por meio dele, é possível que um ser vivo nasça a partir de um óvulo, sem que haja fecundação. O nome dado ao bichinho é uma referência a uma personagem da lenda japonesa. A Kaguya da ficção é uma menina que, encontrada num tronco de bambu, é considerada filha da Lua. A partenogênese existe na natureza: abelhas e formigas, por exemplo, podem procriar por esse método solitário. Acreditava-se, no entanto, que entre mamíferos isso fosse impossível de ocorrer. Alguns cientistas já consideram que o nascimento de Kaguya é, depois da clonagem da ovelha Dolly, o fato mais revolucionário da biologia reprodutiva.

A partenogênese é possível porque, originalmente, todos os óvulos, não importa a espécie animal, possuem dois conjuntos de cromossomos. Se o óvulo é devidamente estimulado, essas estruturas se fundem, simulando uma fecundação. Nos mamíferos, porém, existem mecanismos que ativam apenas determinados genes nos óvulos. Dessa forma, a fecundação só acontece na presença de material genético masculino. Para burlar essas barreiras naturais, os cientistas japoneses e coreanos selecionaram óvulos de fêmeas mutantes, que simulavam o perfil genético de um espermatozóide. Neles, não existia o gene H19, associado ao desenvolvimento fetal e caracteristicamente feminino. Ao mesmo tempo, possuíam um outro gene, o IGF-2, ativo – o que normalmente só acontece nas células sexuais masculinas. Os cientistas, então, fundiram os núcleos celulares dos óvulos mutantes e núcleos de óvulos absolutamente normais. Dessa junção, foram criados novos óvulos. Após serem estimulados quimicamente, os óvulos originaram centenas de embriões. Desses, 371 foram implantados em fêmeas. Duas gestações chegaram ao final, mas apenas Kaguya atingiu a idade adulta, o que equivale a uma taxa de sucesso menor do que 1%.

O nascimento de Kaguya permite que se pense na possibilidade de que casais de lésbicas venham a ter filhos sem pais e com características das duas mães. “Acredito que esse dia ainda esteja muito longe”, diz a geneticista Mayana Zatz, professora da Universidade de São Paulo. No curto prazo, a experiência de japoneses e coreanos pode trazer benefícios ao campo da engenharia genética. “Esse estudo deve fornecer informações preciosas para a criação de exames e tratamentos de doenças causadas por falhas genéticas durante a concepção”, acrescenta Mayana.

Como Kaguya nasceu

- Num tubo de ensaio, os cientistas fundiram dois óvulos de fêmeas de camundongo. Uma delas era geneticamente modificada;
- O óvulo mutante conseguiu imitar a ação de um espermatozóide, graças a um artifício de laboratório;
- Dos embriões originados no processo, 371 foram implantados em fêmeas normais. Apenas duas gestações chegaram até o fim. Das duas fêmeas nascidas, uma sobreviveu e já deu à luz filhotes saudáveis.

Nesse texto, temos uma reportagem sobre uma descoberta científica feita por pesquisadores japoneses e coreanos na Universidade de Tóquio. A experiência foi divulgada em uma revista científica. Ao ler a reportagem, ficamos sabendo qual foi o procedimento científico para conseguir gerar um camundongo a partir do óvulo de duas fêmeas. O texto informa ainda que a origem do nome dado ao filhote, Kaguya, é uma referência a uma narrativa ficcional, cuja personagem é uma menina encontrada num tronco de bambu e que é considerada filha da Lua.

O texto narra o método usado pelos cientistas para conseguir gerar o rati-nho, explicando, descrevendo e exemplificando com outros casos científicos. Entretanto, como a genética não é uma parte da biologia conhecida com profundidade por todos os leitores, o locutor busca construir o texto numa linguagem objetiva e clara, narrando as ações dos cientistas e descrevendo os termos específicos da genética que são empregados. Além disso, o locutor faz uso de um quadro para sintetizar as principais ações da experiência.

Nesta unidade, foram apresentadas algumas orientações para a estruturação e elaboração adequada dos textos. O objetivo foi oferecer a você, caro estudante, reflexões sobre o que é um texto, como o parágrafo se estrutura e sobre como o conhecimento de sua construção pode melhorar a elaboração de nossos textos.

Não se pretendeu que as colocações feitas se tornem receitas a serem seguidas passo a passo. É preciso antes de tudo ter um pouco de sensibilidade e não assumir uma postura rígida, pois todo usuário da língua é capaz de perceber o momento em que deve encerrar um bloco textual ou fazer uma transição.

Talvez conhecendo um pouco mais como se processa a elaboração do texto, você possa não só compreender melhor as produções escritas de modo geral, como também aprimorar os seus próprios textos, sem que percam a sua expressividade, fazendo do trabalho com textos uma atividade dinâmica e produtiva.

Atividades

1- O trecho que segue foi extraído de uma crônica de Carlos Drummond de Andrade. Transcrevemos apenas o início. A tarefa proposta a você é que indique qual o tipo de parágrafo elaborado (descritivo, narrativo ou dissertativo), justificando por meio dos elementos abordados no texto. A seguir, elabore um pequeno texto narrativo coerente com os elementos contidos na introdução.

Aquele restaurante de bairro é do tipo simpatia/classe média. Fica em rua sossegada, é pequeno, limpo, cores repousantes, comida razoável, preços idem, não tem música de triturar os ouvidos. O dono senta-se à mesa da gente, para bater um papo leve, sem intimidades. (in *Para Gostar de Ler*. São Paulo: Ática, 1981, vol. 3, p. 34).

2- Leia as frases elencadas, a seguir, e procure ordená-las em uma seqüência adequada, de modo a formar um pequeno trecho narrativo. A seguir crie um título para o texto e justifique, a partir dos elementos lingüísticos empregados, porque se trata de uma narrativa.

() Verificamos que tinha uma das pernas quebrada, pois fora atropelado por uma bicicleta.

LÍNGUA PORTUGUESA

- () Um dia encontramos na rua um cachorro vira-lata.
- () Mas se minha mãe acendesse a luz do quarto, no meio da noite, Bidu imediatamente saltava para o soalho.
- () Ficamos orgulhosos de nossa proeza ortopédica.
- () Batizamos o cãozinho de Bidu.
- () Arranjamos duas talas de madeira e com elas encanamos a perna de nosso acidentado, amarrando-as com tiras de pano e barbante.
- () Colocamos o vira-lata dentro de uma caixa de madeira forrada de palha e dali por diante todos os dias levávamos-lhe comida e água.
- () Quando terminavam as aulas lá estava Bidu à minha espera, como fiel amigo.
- () Instalou-se na nossa casa, dormiu uma noite na minha cama, na outra noite foi para a cama de meu irmão.
- () Semanas depois tiramos as talas e Bidu começou a caminhar sem mancar.
- () Daí por diante passou a ser um membro da turma.
- () Todas as manhãs acompanhava-me até a porta da escola.
- () Parecia feliz por ter encontrado um lar, comida farta e amigos.

3- Relembrando o que foi abordado sobre o parágrafo dissertativo, estabeleça um tema e redija um objetivo para os assuntos elencados a seguir. Para o primeiro assunto, apresentamos uma sugestão. Faça o mesmo com os demais:

- *Assunto*: Leitura

- *Delimitação do assunto (tema)*: A leitura entre os jovens

- *Objetivo*: Indicar as preferências de leitura entre os jovens

- *Assunto*: Greves

- *Delimitação do assunto (tema)*: _____

- *Objetivo*: _____

- *Assunto*: Trabalho

- *Delimitação do assunto (tema)*: _____

- *Objetivo*: _____

- *Assunto*: Os meios de comunicação

- *Delimitação do assunto (tema)*: _____

- *Objetivo:* _____

SUGESTÕES DE LEITURA

- É importante que você leia, pelo menos uma vez por semana, jornais e/ou revistas para estar atualizado sobre os acontecimentos nacionais e internacionais e também para que você possa formar sua opinião sobre os fatos e a sociedade de modo geral.
- Você pode ler jornais como: *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *Jornal da Tarde*, provavelmente na biblioteca de sua escola você encontrará um deles. Se puder, leia também revistas como *Veja* ou *Istoé*, sua escola deve receber uma delas.
- Um endereço que você pode consultar é o site www.releituras.com/. Nele você encontrará textos de vários escritores importantes da literatura em língua portuguesa e do meio jornalístico. Há 1000 textos de 308 autores. Como exemplo para sua busca, podemos citar Carlos Heitor Cony. Deste jornalista você encontra a crônica “O suor e a lágrima”, podendo verificar como ele organiza seu texto, observando a distribuição dos parágrafos. Outro escritor interessante que vale a pena conferir é Affonso Romano de Sant’Anna, com o texto “Antes que elas cresçam”, escrito por meio de parágrafos bastante curtos, mas muito significativos.
- Você ainda pode navegar pelo site do Observatório da Imprensa, onde se encontram interessantes textos jornalísticos e debates bem instigantes. Vale a pena dar uma olhada. O endereço é: www.tvebrasil.com.br/observatorio/

Unidade 2

Descrição

Você que é uma pessoa habituada a ler, já viu textos dos mais variados gêneros e já percebeu que, devido às inúmeras diferenças que os distinguem, é possível classificá-los de maneiras distintas: textos científicos, textos poéticos, textos jornalísticos, textos jurídicos, textos religiosos, etc.

Agora passaremos a tratar de uma divisão que é, de certa maneira, uma tradição escolar e que se revela útil tanto para a leitura como para a produção de textos. Referimo-nos à classificação dos textos em: descritivos, narrativos e dissertativos. Já vimos um pouco dessa distinção quando estudamos o parágrafo e suas características.

Cabe lembrar que, na maior parte dos textos que encontramos, não observamos textos em estado puro, isto é, textos especificamente descritivos, narrativos ou dissertativos, já que esses três tipos de construção podem ser observados em um único texto. Isso não impede que, por uma conveniência didática, se estude cada um desses tipos separadamente.

Leia o texto (1) que segue:

A paisagem era mais ou menos desse jeito – a cidade de cá, o rio no meio e do outro lado a encosta que parecia querer esbarrar no céu sem fundo.

Na beira do rio, tinha uma porção de árvores, sempre verdes, mas que se cobriam de roxo, branco, amarelo, conforme a estação do ano. Elas floriam. No meio da encosta crescia um capão, por onde passava uma estrada alva e torta que levava para qualquer parte do mundo.

O campo era verde demais. Manhã tão clara que havia uma névoa azulada para adoçar mornamente os contornos vertiginosos da paisagem branca.

Manhã de mel.

(in *Seleto* de Bernardo Ellis. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976, p. 32).

Como você pode notar, esse texto revela certos aspectos de uma paisagem. É um texto descritivo.

Note que:

- a) todos os enunciados relatam ocorrências simultâneas;
- b) não existe um enunciado que possa ser considerado cronologicamente anterior ao outro;

Organizadores

**Maria Lúcio V. de
Oliveira Andrade**

Neide L. Rezende

**Valdir Heitor
Barzotto**

Elaboradora

**Maria Lúcio V. de
Oliveira Andrade**

- c) ainda que se observem ações (parecia querer esbarrar, cobriam, floriam, crescia, passava, levava), todas elas servem para caracterizar a paisagem e estão no pretérito imperfeito e não indicam, portanto, nenhuma transformação de estado;
- d) se invertêssemos a seqüência dos enunciados, não alteraríamos nenhuma relação cronológica. Inclusive, poderíamos colocar o último enunciado em primeiro lugar e ler o texto em uma outra ordem.

Manhã de mel.

Manhã tão clara que havia uma névoa azulada para adoçar mornamente os contornos vertiginosos da paisagem branca.

A paisagem era mais ou menos desse jeito – a cidade de cá, o rio no meio e do outro lado a encosta que parecia querer esbarrar no céu sem fundo.

No meio da encosta crescia um capão, por onde passava uma estrada alva e torta que levava para qualquer parte do mundo.

Na beira do rio, tinha uma porção de árvores, sempre verdes, mas que se cobriam de roxo, branco, amarelo, conforme a estação do ano. Elas floriam. O campo era verde demais.

Descrição é o tipo de texto em que se relatam as características de uma paisagem, cenário, pessoa ou de um objeto, inscritos em um certo momento no tempo.

O texto descritivo não apresenta, como o narrativo, as transformações de estado que vão ocorrendo progressivamente com pessoas, lugares, objetos, mas revela as propriedades e traços desses elementos num certo estado, considerado como se estivesse parado no tempo. Trata-se, portanto, de caracterizar um instante de um ser, objeto ou cenário no tempo.

Na descrição não existe relação de anterioridade ou posterioridade entre os enunciados, por isso no texto (1) pudemos apresentar uma outra possibilidade de construção da mesma paisagem, alterando a disposição dos enunciados descritivos. Isso revela que os fatos reproduzidos são simultâneos e não apresentam progressão temporal.

Como vimos no texto (1), uma descrição pode apresentar verbos que exprimem ação, movimento, mas esses movimentos são sempre simultâneos, não indicando progressão de um estado anterior para outro posterior.

Cabe lembrar que em um texto literário, como o que vimos anteriormente, é importante considerar a ordem dada pelo autor para a compreensão mais profunda de sua obra, do seu estilo, do efeito de sentido que quis produzir. No entanto, de ponto de vista do entendimento, a ordem dos elementos que compõem uma realidade estática, como é o caso do texto em análise, não tem a mesma importância que para a narração.

A partir dessas considerações, você já pode perceber que aquilo que se faz ao descrever é construir, pelo discurso, uma realidade sem progressão interna, que, portanto, dispensa o encadeamento de enunciados, tão necessário na narração.

TIPOS DE DESCRIÇÃO

Vimos que, pelo discurso, é possível criar uma realidade estática, onde não há a necessidade de ordenação entre os enunciados uma vez que não

estamos preocupados com progressão temporal. E a esse tipo de construção, dá-se o nome de descrição.

Vimos ainda que na descrição utiliza-se sobretudo um tipo especial de verbo. Vamos encontrá-lo nos enunciados abaixo:

- 1) Tem uma fazenda, denegrida e abandonada.
- 2) ... uma cerca de pedra-seca, do tempo dos escravos.
- 3) ... um riacho parado.
- 4) ... um cedro alto.

No primeiro enunciado, está explicitado o verbo **ter**. Observe, entretanto, que no início de cada um dos outros enunciados igualmente poderia ser colocado o mesmo verbo. Além desse verbo, existem outros que poderiam ser colocados na mesma posição mantendo o mesmo sentido. Assim, lendo o texto atentamente, você vai verificar que ele se mantém sobre dois tipos de verbos: um primeiro representado por **ter**, no sentido de existir, e um segundo representado por **estar**, que permite indicar o estado em que se encontra a fazenda naquele momento determinado. Em outras palavras, temos um tipo de verbo **indicador de existência** e outro, **atribuidor de estado**.

- 1) **Há** na fazenda./**Tem** uma fazenda./**Existe** uma fazenda.
- 2) Na fazenda **há** uma cerca de pedra-seca./**tem** uma cerca./**existe** uma cerca.
- 3) A fazenda **está** denegrida e abandonada/**acha-se** denegrida e abandonada/**encontra-se** denegrida e abandonada

Além desses dois verbos, respectivamente, atribuidores de existência e de estado, há um outro, muito comum nas descrições. Seu uso pode ser constatado no seguinte texto:

O relógio era uma enorme cebola de ouro, suíço, pedras preciosas nos ponteiros, o tampo em filigranas, uma jóia, uma antiguidade, uma relíquia, uma preciosidade.

(In: *O mar tem várias cores* de Ribeiro Fester. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 41).

Nesse caso, o verbo utilizado é **ser**. Comparando-o com o verbo **estar**, observamos que, no trecho dado, a realidade construída sobre ele não é concebida dentro de um momento preciso, mas, simplesmente, como se fosse para sempre, em definitivo. Para entender melhor essa diferença, reflita sobre os dois enunciados:

- 1) O relógio era dourado.
- 2) O relógio estava dourado.

No primeiro caso, a cor dourada é uma qualidade definidora do relógio descrito; no segundo, é uma qualidade transitória do relógio, porque ele possui essa qualidade naquele momento e poderá deixar de existir um tempo depois. Quando, no primeiro caso, falamos de qualidades definidoras não estamos querendo dizer eternas, mas sim, que este é seu estado mais constante, mais representativo. A realidade assim construída situa-se num momento muito menos preciso que aquela que se assenta sobre o verbo **estar**. Compare as descrições colocadas abaixo:

- 1) A rua é suja. Esgotos à vista. As pedras são mal dispostas. As casas, imundas.

- 2) A rua está suja. Esgotos à vista. As pedras estão mal dispostas. As casas estão imundas.

A realidade construída nas duas descrições é vista de forma diferente: na primeira, desolação e sujeira parecem ser **definidoras** da própria rua, parece que a rua **sempre** está dessa maneira. Na segunda, desolação e sujeira são estados temporários, acidentais. Podemos perceber, então, que tanto é possível descrever um momento determinado, preciso, quanto um momento amplo e indefinido. No entanto, note que a realidade fixada pela descrição é sempre particular, um estado entre outros possíveis: é a fixação de um momento, não de algo essencial àquela realidade. Dizer que “a rua é imunda” é dizer de um estado em que essa rua **determinada, particular**, encontra-se por um tempo qualquer.

Finalizando esta unidade, para que você compreenda bem, é bom lembrar que a afirmação de que na descrição não há uma evolução interna que favoreça a transformação não significa, de maneira alguma, que não haja movimento interior da realidade construída. A realidade como um todo é que é estática, e o movimento que porventura haja nela é um movimento contínuo, que não provoca evolução interna.

A cidade ficava entre o rio e o mar, praias belíssimas, os coqueiros nascendo ao largo de todo o areal. Um poeta, que certa vez passara por Ilhéus e dera uma conferência, a chamara de “cidade das palmeiras ao vento” numa imagem que os jornais locais repetem de quando em vez.

A verdade, porém, é que as palmeiras apenas nasciam nas praias e se deixavam balançar pelo vento. A árvore que influía em Ilhéus era a árvore do cacau, se bem que não visse nenhuma em toda a cidade. Mas era ela que estava por detrás de toda a vida de São Jorge de Ilhéus (...) E sobre a cidade pairava, vindo dos armazéns de depósito, dos vagões da estrada de ferro, dos porões dos navios, das carroças e da gente, um cheiro de chocolate que é cheiro de cacau seco.

(In: *Terras do Sem-Fim* de Jorge Amado. Rio de Janeiro: Record, s.d., p. 184).

Como se pode verificar pelo texto acima, um texto descritivo pode conter movimentos (no caso há o movimento do vento que balança as folhas das palmeiras e que também espalha o cheiro do cacau), assim como ser construído a partir de outros verbos que não “ser” e “estar”. O que é realmente fundamental para a existência da descrição é o fato de que os verbos se encadeiam, não progridem, não chegam a compor uma realidade que evolui.

Veja, a seguir, como uma empresa automobilística divulga um novo carro em uma revista de circulação nacional, em uma seção específica de orientação para o consumidor. Por meio da descrição, o leitor fica sabendo como é a nova perua da Toyota: possui uma linha esportiva, suspensão macia, bom espaço interior, os vários acessórios que tornam o carro especial, os opcionais, todos elementos que podem fazer a diferença na hora da compra.

Outra perua na praça

Ao transformar o bem-sucedido Corolla em uma perua, batizada Fielder, a Toyota procurou um visual levemente esportivo. Só o consumidor dirá se retoques como a máscara que escurece os faróis ou a grade dianteira preta vão conferir à Fielder a imagem jovem da concorrente Marea Weekend. As qualidades sensíveis do novo carro são suspensão macia, bom espaço interior e ótima visibilidade. Muitos acessórios importantes são de série, como *airbag* duplo, ar-condicionado, freios ABS e

travas e vidros elétricos, detalhes que levam o preço aos 56 000 reais (na versão com câmbio manual), contra os 47 000 de uma Weekend básica. Por mais 4 000 reais, leva-se o câmbio automático, que torna um tanto lenta a reação do motor 1.8 de 136 cavalos. Os opcionais são rack de teto, sensor de aproximação no pára-choque e faróis de neblina. Uma curiosidade: a Toyota fez mágica contra famílias grandes num veículo originalmente concebido para casais com filhos. O porta-malas de 411 litros é menor que o do Corolla sedã, que tem 26 a mais.

Editado por André Fontenelle. Colaboraram Helena Fruet e Tatiana Schibuola (in *Veja*- 26 de maio de 2004, p. 111- Seção Guia – Carro Novo).

Atividades

1- Uma experiência bastante enriquecedora e interessante para aguçarmos nossos sentidos, os canais que nos fazem perceber as características surpreendentemente novas dos objetos que nos rodeiam, é o levantamento sensorial, ou seja, o exercício das sensações. Vamos começar: nós propomos um objeto e você procura percebê-lo da forma mais detalhada possível, levando em consideração todos os sentidos, todas as maneiras possíveis de descrevê-lo – a visão, o tato, a audição, o olfato, o gosto.

O objeto que propomos é: LÂMPADA.

Agora, escolha você mesmo um objeto e refaça a experiência.

2- Elabore uma pequena descrição do quarto de um adolescente fanático por futebol.

3- Descreva, em apenas um parágrafo, um ambiente físico: a sala de aula onde você estuda, ou a rua em que você vive.

4- Leia o texto a seguir:

Lua de São Jorge

lua de são Jorge
lua deslumbrante
azul verdejante
cauda de pavão

lua de são Jorge
cheia branca inteira
oh minha bandeira
solta na amplitude

lua de são Jorge
lua brasileira
lua do meu coração

lua de são Jorge
lua maravilha
mãe irmã e filha
de todo esplendor

lua de são Jorge
brilha no altares
brilha nos lugares
onde estou e vou

lua de são Jorge
brilha sobre os mares
brilha sobre o meu amor

lua de são Jorge
lua soberana
nobre porcelana
sobre a seda azul

lua de são Jorge
lua da alegria
não se vê um dia
claro como tu

lua de são Jorge
serás minha guia
no brasil de norte a sul

(Caetano Veloso in: *Literatura Comentada*. Abril Cultural, 1981, p. 84).

O texto que você acabou de ler descreve muitas facetas da lua de São Jorge. Escolha uma das perspectivas apresentadas pelo locutor e crie um parágrafo descritivo.

SUGESTÕES DE LEITURA

- Observe o início do romance *Ensaio sobre a cegueira* de José Saramago. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Veja como o autor trabalha a descrição.

Um dia normal na cidade. Os carros parados numa esquina esperam o sinal mudar. A luz verde acende-se, mas um dos carros não se move. Em meio às buzinas enfurecidas e à gente que bate nos vidros, percebe-se o movimento da boca do motorista, formando duas palavras: Estou cego.

Fica aqui essa breve introdução para que você se interesse pela obra e procure ler. Vale a pena!

- Outra sugestão é pegar um filme em uma locadora ou ir ao cinema. Veja como as cenas que focalizam paisagens, ambientes ou objetos revelam, na linguagem cinematográfica, aquilo que você faria com as palavras para a elaboração de um texto escrito. Uma dica é o filme *Janela da alma – um filme sobre o olhar*. Trata-se de um documentário de João Jardim e Walter Carvalho, 2001, Brasil.

Unidade 3

Narração

Leia o texto que segue

Naquele dia de abril andava eu pelas ruas numa espécie de sonambulismo, com a impressão de que o outono era uma opala dentro da qual estava embutida a minha cidade com as suas gentes, casas, ruas, parques e monumentos, bem como esses navios de vidrilhos coloridos que os presidiários constroem pacientemente, pedacinho a pedacinho, dentro das garrafas. Veio me então o desejo de compor uma sonata para a tarde. Comecei com um andantino melancólico e brinquei com ele durante duas quadras, com a atenção dividida entre a música e o mundo. De súbito as mãos sardentas dum de meus alunos puseram-se a tocar escalas dentro de meu crânio, com uma violência atroz, e lá se foi o andantino... Fiquei a pensar contrariado nas lições que tinha de dar no dia seguinte. Ah! A monotonia dos exercícios, a obtusidade da maioria dos discípulos, a incompreensão e a impertinência dos pais! Devo confessar que não gostava da minha profissão e que, se não a abandonava, era porque não saberia fazer outra coisa para ganhar a vida, pois repugnava-me a idéia de tocar músicas vulgares nessas casas públicas onde se dança, come e bebe à noite.

(Érico Veríssimo. *Sonata*. Porto Alegre: Globo, 1978, p. 61).

Temos aí uma pequena narração. O que Érico Veríssimo fez para narrar? Entre as várias respostas possíveis podemos citar:

- O autor relatou um fato.
- O autor contou uma história.
- O autor falou de um acontecimento.

Qualquer uma dessas respostas assinala o fato de que o autor se utilizou da língua e construiu no discurso um fato, uma história ou um acontecimento. O fato, a história, o acontecimento são por nós, leitores, conhecidos apenas pelo discurso do autor. Você poderia discordar da idéia de que um discurso cria um acontecimento, uma vez que este poderia ocorrer independentemente do fato de ser narrado: um professor de música poderia desejar compor uma sonata sem que isso tivesse sido narrado. No entanto, pense que uma vez narrado, é através do discurso que você passa a conhecer o acontecimento e que o acontecimento narrado não é mais o original, mas algo criado pelo autor do discurso. Por essa razão é que podemos dizer que o autor **construiu, através da linguagem, um fato, uma história, um acontecimento.**

Entretanto, o que significa fato, história, acontecimento? Examinemos novamente o texto. Ele se inicia apresentando a época e o local onde o narrador-

Organizadores

Maria Lúcio V. de
Oliveira Andrade

Neide L. Rezende

Valdir Heitor
Barzotto

Elaboradora

Maria Lúcio V. de
Oliveira Andrade

personagem caminhava. Até aí, o autor não chegou a definir um fato, história ou acontecimento. Na verdade, trata-se de elementos aos quais o autor atribuiu existência, sem que algo tenha ocorrido. Somente a partir do momento em que diz; “Veio-me então o desejo de compor uma sonata” é que passa a haver o fato, a história, o acontecimento. Em outras palavras, somente a partir do instante em que começa “a se passar algo” com um dos elementos situados anteriormente, no caso com o narrador-personagem, é que se pode dizer que há o acontecimento.

Assim, relatar um fato, contar uma história, falar de um acontecimento, significa construir uma realidade que se altera, se transforma e que, por isso mesmo, é passageira. Essa realidade pode estar relacionada a alguma coisa que se passa interna ou externamente com o autor, ou pode, perfeitamente, ser inventada, sem nunca ter acontecido.

Retornemos, agora, ao texto que nos serviu de ponto de partida. O autor revela o seu desejo de compor uma sonata, mas de repente é interrompido pela lembrança das lições executadas por um de seus alunos. No final, revela que não gostava de sua profissão, mas que não a abandonava por não saber fazer outra coisa.

Você notou que esse texto relata as mudanças progressivas de estado que vão ocorrendo com o narrador-personagem. Nesse tipo de texto, que é a narração, os episódios e os relatos estão organizados numa distribuição tal que entre eles existe sempre uma relação de anterioridade e posterioridade, revelando uma progressão no tempo. Essa relação é sempre fundamental em um texto narrativo, mesmo que a narrativa seja psicologia (o texto começa pelo clímax e há um retorno no tempo, provocado pelas memórias de um personagem, para que o leitor saiba o que ocorreu desde o início da trama).

A título de ilustração, observe o texto a seguir:

Paulo tinha fama de mentiroso. Um dia chegou em casa dizendo que vira no campo dois dragões-da-independência cuspidos fogo e lendo fotonovelas.

A mãe botou-o de castigo, mas na semana seguinte ele veio contando que caíra no pátio da escola um pedaço de lua, todo cheio de buraquinhos, feito queijo, e ele provou e tinha gosto de queijo. Desta vez Paulo não só ficou sem sobremesa como foi proibido de jogar futebol durante quinze dias.

Quando o menino voltou falando que todas as borboletas da Terra passaram pela chácara de Siá Elpídia e queriam formar um tapete voador para transportá-lo ao sétimo céu, a mãe decidiu levá-lo ao médico. Após os exames, o Dr. Epaminondas abanou a cabeça:

—Não há nada a fazer, Dona Colo. Este menino é mesmo um caso de poesia.

(in: *Contos Plausíveis* de Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981, p. 24).

Como se pode verificar, o texto acima é uma narração, dado que relata fatos ocorridos com a personagem Paulo, evidenciando relações de anterioridade e posterioridade entre os episódios relatados.

Você nota que cada momento da narrativa está intimamente ligado com o outro:

Ao contar que tinha visto dois dragões-da-independência cuspidos fogo, Paulo recebeu um castigo de sua mãe; na semana seguinte contou que havia

caído um pedaço da lua no pátio da escola, então sua mãe deixou-o sem sobremesa e ficou sem jogar futebol; quando disse que tinha visto todas as borboletas da Terra passarem pela Terra, a mãe resolveu levar o garoto a um médico.

Há, portanto, entre os enunciados que representam momentos de evolução da narrativa, um **encadeamento necessário**: um enunciado está sempre relacionado com os anteriores e os posteriores.

Note ainda que os enunciados que consideramos essenciais no desenvolvimento do texto podem ser ligados por partículas do tipo “então”, “daí”, “depois”, etc.

- Um dia Paulo chegou em casa dizendo que vira no campo dois dragões-da-independência cuspiendo fogo e lendo fotonovelas.
- Então, a mãe botou-o de castigo (...).
- Na semana seguinte, ele veio contando que caíra no pátio da escola um pedaço de lua (...).

A possibilidade de você colocar tais partículas entre os enunciados mostra que existe uma **dependência temporal** entre eles: um enunciado é consequência do anterior no tempo. A progressão temporal que se estabelece entre os enunciados constitui a maneira mais corrente pela qual uma língua possibilita construir uma narração.

Passando a um novo ponto referente ao ato de narrar, retornemos aos enunciados anteriores, tomando os dois elencados abaixo:

- Um dia Paulo **chegou** em casa dizendo (...).
- A mãe **botou-o** de castigo (...).

Ao lado da relação de tempo existente (segundo posterior ao primeiro), há uma relação entre esses enunciados que se tornará mais clara se refletirmos um pouco mais sobre eles: a ação de Paulo dizer algo provoca uma reação por parte de sua mãe: colocá-lo de castigo.

“Dizer” provoca “botar”. Há, portanto, dois processos consequentes nesse pequeno trecho; se você atentar para o encadeamento desses enunciados, você perceberá que há uma classe de palavras sobre as quais se assenta tanto o encadeamento de ações quanto a relação de consequência e a dependência temporal: é a classe dos verbos, observável em “dizer”, “botar”. Esta classe constitui o suporte do texto narrativo.

Cabe ainda apontar que numa narrativa os acontecimentos de cada verbo devem ser ligados a elementos a quem são atribuídos esses acontecimentos:

Em relação aos enunciados anteriormente analisados, temos:

- Paulo _____ chegou em casa dizendo.
- A mãe _____ botou-o de castigo.

Temos aí dois elementos distintos para os quais ocorrem os acontecimentos expressos pelos verbos: “Paulo” e “a mãe”. A esses elementos, aos quais são atribuídos os acontecimentos expressos pelo verbo, dá-se o nome de personagens, que podem ser ou não seres humanos: o importante é que a eles sejam atribuídos os acontecimentos fundamentais para a narrativa.

Falta ainda identificarmos um elemento fundamental: a ordenação dos acontecimentos, bem como a atribuição desses acontecimentos na composição de

uma narrativa, que é feita por alguém. Trata-se do sujeito do texto, que nesse caso recebe o nome de narrador e que tem sempre um papel fundamental dentro do texto, embora nem sempre seja possível percebê-lo diretamente.

As narrativas podem ser escritas em primeira pessoa (narrador-personagem) ou em terceira pessoa (narrador-onisciente). Quando a narrativa é construída em primeira pessoa, o narrador é uma pessoa que participa dos acontecimentos ao mesmo tempo em que sente e pensa sobre eles (como vimos no texto *Sonata* de Érico Veríssimo). Já um narrador em terceira pessoa faz mais do que relatar acontecimentos: pode, por exemplo, adivinhar o que se passa por detrás deles, pode saber o que as pessoas sentem e pensam... Observe este texto narrado em terceira pessoa. A capacidade de adivinhar do locutor dá ao texto sua dimensão mais extraordinária: desvendar-nos o que as personagens sentem e pensam a cada instante:

Era um basset lindo e miserável, doce sob a sua fatalidade. Era um basset ruivo.

Lá vinha ele trotando, à frente de sua dona, arrastando o seu comprimento. Desprevenido, acostumado, cachorro.

A menina abriu os olhos pasmada. Suavemente avisado o cachorro estacou diante dela. Sua língua vibrava. Ambos se olhavam.

Entre tantos seres que estão prontos para se tornarem donos de outro ser, lá estava a menina que viera ao mundo para ter aquele cachorro. Ele fremia suavemente, sem latir. Ela olhava-o sob os cabelos, fascinada, séria. Quanto tempo se passava? Um grande soluço sacudiu-a desafinado. Ele nem sequer tremeu. Também ela passou por cima do soluço e continuou a fitá-lo.

O pêlo de ambos eram curtos, vermelhos.

Que foi que disseram? Não se sabe. Sabe-se apenas que se comunicaram rapidamente, pois não havia tempo. Sabe-se também que sem falar eles se pediam. Pediam-se com urgência, com encabulamento, surpreendidos.

(Tentação. In: *A Legião Estrangeira* de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1964, p. 68).

ATIVIDADES

1- Elabore um texto narrativo, dinamizando os fatos apresentados pelo poema seguinte:

Poema tirado de uma notícia de jornal

João Gostoso era carregador de feira-livre e morava no morro da Babilônia num barracão sem número.

Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro

Bebeu

Cantou

Dançou

Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

(*Libertinagem* de Manuel Bandeira)

2- Leia o texto a seguir:

Amanhã faz um mês que a Senhora está longe de casa. Primeiros dias, para dizer a verdade, não senti falta, bom chegar tarde, esquecido na conversa de esquina. Não foi ausência por uma semana: o batom ainda no lenço, o prato na mesa por engano, a imagem de relance no espelho.

Com os dias, Senhora, o leite primeira vez coalhou. A notícia de sua perda veio aos poucos: a pilha de jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada. Toda a casa era um corredor deserto, e até o canário ficou mudo. Para não dar parte de fraco, ah, Senhora, fui beber com os amigos. Uma hora da noite eles se iam e eu ficava só, sem o perdão de sua presença a todas as aflições do dia, como a última luz na varanda.

E comecei a sentir falta das pequenas brigas por causa do tempero na salada – o seu jeito de querer bem. Acaso é saudade, Senhora? As suas violetas, na janela, não lhes poupei água e elas murcham. Não tenho botão na camisa, calço a meia furada. Que fim levou o saca-rolhas? Nenhum de nós sabe, sem a Senhora, conversar com os outros: bocas raivosas mastigando. Venha para casa, Senhora, por favor.

(*Os Mistérios de Curitiba* de Dalton Trevisan).

Seguindo o mesmo estilo e estrutura do texto de Dalton Trevisan, elabore uma redação cujo narrador seja:

- a) A mulher que, sofrendo com a ausência do marido, escreve-lhe para voltar para casa.
- b) O filho, que sentindo a ausência do pai meses após o divórcio, suplica-lhe para voltar.
- c) O pai que, após desentendimentos com o filho, pede-lhe que volte para casa.

3- Outra proposta de redação: tente elaborar uma narrativa que relate as seguintes transformações de estado:

- a) um personagem é pobre;
- b) ganha na loteria;
- c) quando rico, é visitado por um amigo dos tempos em que era pobre.

4- Leia os textos a seguir:

Ninguém sobrevive a acidente no Canadá

Alessandro Blanco – de Nova York

Um avião da Swissair que levava 229 pessoas caiu na noite de anteontem próximo à costa de Nova Escócia, no Canadá, cerca de duas horas depois de ter decolado do aeroporto internacional JFK, em Nova York, com destino a Genebra, Suíça. Não há indícios de sobreviventes.

A aeronave, um MD-11, levava 215 passageiros – 136 americanos, 30 franceses, 28 suíços, seis ingleses, três alemães, três italianos, dois gregos e um de cada um dos seguintes países: Arábia Saudita, Iugoslávia, Afeganistão, Irã, Espanha, Rússia e St. Kitts e Nevis (ilha caribenha). Entre os 14 tripulantes, havia um americano. Os demais eram suíços.

Ainda não se sabe a causa do acidente. Pouco antes de cair, o piloto do vôo 111 avisou pelo rádio que havia fumaça na cabine e vazamento de grande quantidade de combustível e pediu aos controladores de vôo canadenses para fazer uma aterrissagem de emergência em Boston (EUA).

O piloto foi então informado de que estava a 190 milhas de Boston e a 40 milhas de Halifax, Nova Escócia (Canadá), onde poderia aterrissar. Cerca de 30 minutos

depois de informar sobre a fumaça na cabine, a aeronave desapareceu do radar, segundo as autoridades aéreas canadenses.

(Folha de S. Paulo, 04/09/1998)

O grande desastre aéreo de ontem

Vejo sangue no ar, vejo o piloto que levava uma flor para a noiva, abraçado com a hélice. E o violinista, em que a morte acentuou a palidez, despenhar-se com sua cabeleira negra e seu estradiváriu. Há mão e pernas de dançarinas arremessadas na explosão. Corpos irreconhecíveis identificados pelo Grande Reconhecedor. Vejo sangue no ar, vejo chuva de sangue caindo nas nuvens batizadas pelo sangue dos poetas mártires. Vejo a nadadora belíssima, no seu último salto de banhista, mais rápida porque vem sem vida. Vejo três meninas caindo rápidas, enfunadas, como se dançassem ainda. E vejo a louca abraçada ao ramallete de rosas que ela pensou ser o pára-quadras, e a prima-dona com a longa cauda de lantejoulas riscando o céu como um cometa. E o sino, que ia para uma capela do oeste, vir dobrando finados pelos pobres mortos. Presumo que a moça adormecida na cabine ainda vem dormindo, tão tranqüila e cega! Ó amigos, o paralítico vem com extrema rapidez, vem como uma estrela cadente, vem com as pernas do vento. Chove sangue sobre as nuvens de Deus. E há poetas míopes que pensam que é o arrebol.

(in: *Poesia*. De Jorge de Lima. 3.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1975, p. 64-5)

Observe que ambos os textos relatam acidentes aéreos. O primeiro, por ser um texto jornalístico, é objetivo e visa à informação. Por outro lado, o texto de Jorge de Lima apresenta o ato de narrar de uma maneira poética, sintetizando e cristalizando as emoções do narrador.

Como você faria se tivesse de narrar um acontecimento trágico? Escolha uma das duas possibilidades apresentadas e redija o seu texto.

SUGESTÕES DE LEITURA

– O livro *As Cidades Invisíveis* de Ítalo Calvino, Companhia das Letras, 1990. É uma reunião de textos curtos. Nessa obra, o legendário viajante Marco Pólo traz notícias a Kublai Khan, o famoso conquistador mongol, das inúmeras cidades englobadas por seu imenso império. Transcrevemos para você o trecho inicial dessa fascinante narrativa:

Não se sabe se Kublai Khan acredita em tudo o que diz Marco Pólo quando este lhe descreve as cidades visitadas em suas missões diplomáticas, mas o imperador dos tártaros certamente continua a ouvir com a maior curiosidade e atenção do que a qualquer outro dos seus enviados ou exploradores...

– Consulte os sites www.candango.com e www.adorocinema.com em ambos você vai encontrar comentários sobre os filmes que estão sendo exibidos atualmente nas salas de cinema, bem como resenhas a respeito dos últimos lançamentos da indústria cinematográfica nacional e internacional. No site “adorocinema”, o jornalista Roberto Cunha fala sobre os mais recentes lançamentos nos cinemas nacionais.

Ao assistir a filmes, você pode apreciar como a narrativa é contada, como se desenvolve, a partir de que ponto de vista, que efeito de sentido seu autor busca atingir.

Unidade 4

Dissertação

Leia o texto que segue:

A televisão transforma, desfaz e cria hábitos. Os arquitetos já precisam prever, em seus projetos, um espaço especial para os receptores de TV. A classe média se orgulha de exibir seus aparelhos, a alta burguesia e a possível aristocracia os escondem: a escolaridade é inversamente proporcional à televisualidade... Os espetáculos e os eventos são montados tendo em vista o olho grande da TV: este foi um dos ponderáveis motivos por que os imponentes espetáculos dos funerais dos papas Paulo VI e João Paulo I e da consagração desse último foram montados na Praça de São Pedro e não no interior da basílica... E seria um não mais acabar de exemplos e considerações, sendo suficiente que se diga, enfim, que a própria noção de cultura não pode hoje ser debatida sem levar-se em conta a presença dos mass media – *a televisão, em especial*.

(Décio Pignatari. *Signagem da televisão*. São Paulo: Brasiliense, 1984)

Como se pode perceber, esse texto é uma dissertação, pois nele o locutor pretende construir uma reflexão, buscando captar o que a televisão significa na vida cotidiana e na cultura de um povo. Nota-se que o locutor teceu sobre a televisão uma série de pensamentos generalizantes: pensou em como ela está presente nas casas, como os espetáculos são montados visando a ser transmitidos via TV, como ela altera a noção de cultura. A partir da reflexão, o locutor busca sair dos limites específicos de uma realidade fixada no tempo (como ocorre na descrição de um objeto particular, concreto) para especular sobre seus aspectos mais gerais.

Desse modo, podemos dizer que o locutor interpreta e analisa, através de conceitos abstratos, os dados concretos da realidade; esses dados funcionam como recursos de confirmação ou exemplificação das idéias abstratas que estão sendo discutidas. Ainda que na dissertação não exista, em princípio, progressão temporal entre enunciados, eles mantêm relações lógicas entre si, o que impede de se alterar sua seqüência.

Levando em conta o caráter generalizante e reflexivo da dissertação, passemos ao estudo dos elementos lingüísticos que podem favorecer a criação desse tipo de discurso. Vamos tomar como ponto de partida o texto a seguir:

Durante séculos não fizemos outra coisa que acumular conhecimentos. Da fissura do átomo ao mecanismo da vida. Do entendimento da psicologia do homem ao

Organizadores

**Maria Lúcio V. de
Oliveira Andrade**

Neide L. Rezende

**Valdir Heitor
Barzotto**

Elaboradora

**Maria Lúcio V. de
Oliveira Andrade**

entendimento das leis que regem a sociedade. Os jornais, as revistas e as estações de rádio e televisão, atualizando a escola e complementando o livro, mantêm-nos em dia com tudo o que acontece e informam-nos do que pensam todos a respeito de tudo. Teoricamente, o homem de hoje, criatura tomada isoladamente, é mais sábio que o homem de ontem. Na prática, isso não é verdade. Enquanto cresce a sabedoria da Humanidade no seu conjunto, decresce a sabedoria relativa do homem isolado. Simplesmente, porque existem quantidades cada vez maiores de conhecimentos que ficam fora do alcance de cada homem em particular, mesmo na faixa estreita do conhecimento especializado.

(In: *Aonde Vamos?* De Hannes Alfvén, Prêmio Nobel de Física de 1970).

Nesse texto, você nota um ponto importante: alguns dos enunciados são ditos na primeira pessoa do plural:

- 1- Durante séculos não **fizemos** outra coisa que acumular conhecimentos.
- 2- Os jornais, as revistas e as estações de rádio e televisão (...) **mantêm-nos** em dia com tudo o que acontece e **informam-nos** do que pensam todos a respeito de tudo.

O uso da primeira pessoa do plural, nesses casos, tem uma função específica: a de incluir o locutor dentro de uma classe bem ampla de elementos. Assim, ao dizer “não fizemos outra coisa que acumular conhecimentos” ou “mantêm-nos em dia com tudo o que acontece e informam-nos do que pensam todos a respeito de tudo”, o locutor está se referindo à classe dos seres humanos em geral.

A partir desses exemplos, podemos dizer que o objeto de reflexão é uma classe em geral (os seres humanos) e que o locutor não fala em seu próprio nome, mas em nome de toda uma classe, quer dizer, o sujeito da reflexão é uma classe geral (no caso, os seres humanos).

Essas observações levam-nos a concluir que, em geral, na dissertação, o locutor não responsabiliza apenas a si pelo que afirma ou, quando o faz, salienta que se trata de uma opinião ou verdade.

O texto dissertativo de caráter científico deve ser elaborado de maneira a criar um efeito de sentido de objetividade, pois pretende destacar as afirmações feitas (ao enunciado) e não o aspecto subjetivo de quem as proferiu. É claro que se trata de um recurso lingüístico, dado que sempre por trás de um texto estará aquele que o produziu (o enunciador) e sua respectiva visão de mundo.

Para neutralizar a presença do enunciador, usam-se certos procedimentos lingüísticos que passaremos a destacar:

- a) Evitam-se os verbos de dizer na 1ª. pessoa (digo, penso, acho, creio, afirmo, etc.), procurando eliminar a idéia de que o conteúdo de verdade contido no enunciado seja a simples opinião de quem o proferiu, e sugerir que o fato se impõe por si mesmo.

Não se diz, portanto:

Eu penso que a exploração indiscriminada da floresta amazônica pode acarretar ao país e ao planeta sérios inconvenientes.

Mas simplesmente:

A exploração indiscriminada da floresta amazônica pode acarretar ao país e ao planeta sérios inconvenientes.

- b) Se, eventualmente, são utilizados verbos de dizer, devem indicar certeza e, nesse caso, o sujeito se dilui sob a forma de um elemento de significação ampla e impessoal, indicando que o enunciado é fruto de um saber coletivo. Desse modo, o enunciador vem generalizado por um nós, ou é indeterminado, como nos exemplos:

Temos bases para afirmar que a emancipação indígena significará a extinção dessa cultura

Pode-se garantir que a emancipação indígena...

Constata-se que a emancipação indígena...

- c) Nesse tipo de discurso, deve-se usar a língua padrão na sua expressão formal, não se ajustando, portanto, o uso de gírias ou qualquer outro uso lingüístico distanciado da variante culta e formal da língua.

Além de procurar neutralizar o enunciador, o discurso dissertativo de caráter científico deve destacar o valor de verdade dos enunciados. Esse valor é criado pela fundamentação das idéias e pela argumentação.

Vamos apresentar alguns recursos que servem para fundamentar o texto dissertativo e aumentar seu poder de persuasão.

1- O argumento de autoridade

Apóia-se no saber notório de uma autoridade reconhecida em certa área do conhecimento, trazendo credibilidade ao texto. Para isso, o enunciador faz uso da citação. Observe o enunciado a seguir:

Conforme afirma Kabengele Munanga, o movimento da negritude foi criticado por querer unir artificialmente povos geográfica, histórica e culturalmente diferentes, que se inserem no contexto das civilizações com motivos e destinos econômico-políticos diversos.

2- O apoio do consenso

Certos enunciados não exigem demonstração ou provas porque seu conteúdo é aceito como válido por consenso em um espaço sociocultural. Veja o seguinte enunciado:

O investimento em Educação e Saúde é indispensável para o crescimento econômico de um país.

3- A comprovação por experiência ou observação

A verdade de um enunciado pode ser comprovada por documentação que confirme sua validade.

Ver como foi concebida a literatura desde que o homem começou a registrar as suas preocupações com ela, é de certa forma, ficar sabendo como os que tinham e têm acesso a voz e voto a conceberam. Desde os gregos, criou-se uma linhagem de definições que, embora muitas vezes conflitantes, têm em comum sua origem letrada.

(in: *O que é literatura?* de Marisa Lajolo. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 48).

4- A fundamentação lógica

A argumentação pode ser apresentada com base em operações de raciocínio lógico, tais como: implicações de causa e efeito, consequência e causa, condição e ocorrência, entre outras.

Por trabalhar com fenômenos apresentados de maneira aparentemente objetiva, como se fosse a mera e simples apresentação de fatos puros, tais como realmente ocorreram, a imprensa adquire uma aparência de neutralidade que assegura a confiança da maioria dos leitores. Mas essa neutralidade não é real. As notícias internacionais são distribuídas por agências especializadas, principalmente as americanas Associated Press e United Press International, onde se selecionam as informações segundo os interesses econômicos e políticos dos grupos que as controlam. Essas informações são enviadas às redações, onde, juntamente com as notícias locais, são novamente selecionadas, agora com observância de outros critérios, determinados pelo interesse dos proprietários dos jornais ou dos que neles anunciam. Dessa forma, a imprensa acaba por constituir um elemento de manipulação de grupos internacionais e nacionais que só permitem a transmissão daquelas mensagens que possam reforçar sua ideologia.

(In: *O que é propaganda ideológica?* de Nelson Jahr Garcia, São Paulo: Brasiliense, 1985).

Note que o objetivo do texto, provar que não existe neutralidade na imprensa, é obtido por meio da exposição de causas e consequências. Considerando-se a dualidade apontada pelo enunciador: aparência e realidade, é possível dividir o texto em duas partes:

– **aparência:** compreende o primeiro período

Causa: a imprensa trabalha com fatos apresentados de maneira objetiva.

Consequência: aparência de neutralidade e confiança da maioria dos leitores.

– **realidade:** desde “Mas essa neutralidade” em diante.

Causa: informações internacionais ou locais são selecionadas segundo critérios econômicos e políticos.

Consequência: a imprensa acaba por constituir elemento de manipulação da ideologia de grupos internacionais e nacionais.

ATIVIDADES

1- Quais os elementos lingüísticos presentes no texto de Manuel Bandeira, colocado a seguir, que contribuem para que ele seja considerado uma dissertação:

O rio

Ser como o rio que deflui
 Silencioso dentro da noite.
 Não temer as trevas da noite.
 Se há estrelas nos céus, refleti-las.
 E se os céus se pejam de nuvens,
 Como o rio as nuvens são água,

Refleti-las também sem mágoa
Nas profundidades tranqüilas.

2- Redija um texto em três parágrafos, com a seguinte estrutura:

- a) mostrar as vantagens da especialização;
- b) mostrar as desvantagens da especialização;
- c) propor uma solução para o impasse.

3- Procure rever as características do texto dissertativos e exponha seus argumentos relacionando os seguintes enunciados:

Esperar é reconhecer-se incompleto.
(Guimarães Rosa).

Quem espera sempre alcança.
Três vezes salve a esperança
Louvo quem espera sabendo
Que pra esperar
Procede bem quem não pára
De sempre mais trabalhar
Que só espera sentado
Quem se acha conformado
(Gilberto Gil e Torquato Neto).

Como você viu até aqui, a dissertação exige que seu produtor defenda uma opinião, um ponto de vista. Para tanto, é preciso expor, analisar e/ou discutir um problema. Agora, vamos trabalhar com alguns possíveis procedimentos para se expor um problema.

Como expor um problema

Para sustentar uma afirmação, desenvolver um ponto de vista, participar uma opinião, é preciso, inicialmente, que você informe o leitor dessa discussão. É necessário também justificar a razão que o leva a abordar o problema

Você pode abordar um problema baseado em um acontecimento ou em declarações lidas ou ouvidas.

1ª. etapa – abordar um problema baseado em um acontecimento.

Acontecimento: A cada ano os acidentes de moto tornam-se mais numerosos. Domingo passado, quatro jovens mataram-se por imprudência. As duas motos rodavam a mais de 150 km/h e derraparam na curva.

Para expor um problema baseando-se nesse acontecimento, você pode utilizar várias estruturas da língua. Vejamos algumas:

a) Acontecimento x Problema:

Há alguns dias, mais quatro jovens mataram-se num acidente de moto. Esse lamentável acontecimento **apresenta** mais uma vez **o problema** da imprudência dos jovens sobre “as duas rodas”.

b) Acontecimento x Problema:

A cada ano que passa o número de acidentes sofridos por jovens motociclistas não cessa de crescer. Foi o que ocorreu domingo passado com quatro jovens que encontraram a morte a mais de 150 km/h. **Quando alguém se decidirá, enfim**, a tomar as medidas necessárias para a solução do problema?

c) Problema x Acontecimento:

É imprescindível, num futuro próximo, rever o problema da utilização de motos por jovens. O acidente **ocorrido** domingo passado, no qual quatro jovens morreram, mostra que é preciso tomar algumas providências.

4- Procure agora criar um parágrafo dissertativo. O tema é *a violência no futebol*. Como você começaria o seu parágrafo, a partir de um acontecimento relacionado a esse problema? Para desenvolver seu parágrafo, escolha uma das possibilidades apontadas anteriormente.

2ª. etapa – abordar um problema baseado em afirmações.

Afirmações:

- A televisão é prejudicial às crianças.
- Ela não desenvolve o raciocínio, nem desperta a criatividade.
- O telespectador assume, diante da TV, um comportamento passivo.

Veja algumas possibilidades:

a) Afirmação x Problema

A televisão é prejudicial às crianças. Ela não desenvolve o raciocínio, nem desperta a criatividade. **Essas são algumas das afirmações** freqüentemente ouvidas a respeito da influência da televisão. **Serão exatas?**

b) Afirmação x Problema

Fala-se muito, atualmente, que a televisão é prejudicial às crianças. Não desenvolve o raciocínio, nem desperta a criatividade. **A questão está colocada**: a influência que a televisão exerce no desenvolvimento cultural de uma criança.

c) Problema x Afirmação

É verdade que a televisão é prejudicial às crianças por não desenvolver o raciocínio, nem despertar a criatividade, **como afirmam muitas pessoas?**

5- Agora procure abordar o problema relacionado à *destruição da natureza*. Para a desenvolvê-lo, formule inicialmente as afirmações:

6- Procure abordar o problema relacionado à *massificação do homem*. Para a desenvolvê-lo, formule inicialmente as afirmações:

Para desenvolver o texto a partir do problema proposto, você precisa analisar esse problema. Para ajudar o leitor a acompanhar seu raciocínio, é necessário, muitas vezes, indicar a maneira como você organiza as suas idéias. Para isso, podem ser utilizadas palavras relacionais.

Para começar a análise

- Precisamos, inicialmente, observar...
- Deve-se analisar, primeiramente...
- A primeira observação será relativa a...
- Analisemos, em primeiro lugar...

...as horas diárias que uma criança dedica aos programas de televisão.

Para insistir no problema

- Não podemos esquecer que...
- É necessário frisar, por outro lado, que...
- É preciso insistir também no fato de que...
- Não se pode esquecer que...

...o telespectador assume diante da televisão uma atitude passiva.

Para concluir a análise

- Conseqüentemente...
- Por isso...
- Em suma...
- Definitivamente...
- Nesse sentido...

...parece que a opinião segundo a qual a televisão é prejudicial à criança corresponde à realidade.

7- Desenvolva o seguinte tema: *O desemprego.*

Procedimentos:

- a) apresente o problema, relacionando-o com acontecimentos ou afirmações lidas ou ouvidas.
- b) formule argumentos que demonstrem o tema proposto.
- c) elabore o seu texto, utilizando os termos relacionais.

Para auxiliar você na elaboração de seu texto, leia o editorial da *Folha de S. Paulo*, publicado em 27 de maio de 2004, p. 2.

Crescer e empregar

Os dados relativos ao emprego e à renda divulgados pelo IBGE vão na mesma direção daqueles apurados pela Fundação Seade e pelo Dieese na região metropolitana de São Paulo: em abril houve aumento de vagas, mas a procura superou a oferta. Com o isso, o levantamento do IBGE nas seis principais concentrações urbanas do país apresentou uma taxa recorde de desemprego: 13,1%. Por mais que o aumento de vagas seja um sinal positivo, o quadro continua desolador. Dos 460mil novos postos de trabalho, 81,5% surgiram no mercado informal.

Para tornar o cenário ainda mais preocupante, a renda média dos trabalhadores, que havia crescido por três meses consecutivos, voltou a cair. Uma explicação para esse fenômeno é o aumento do trabalho informal, uma vez que a renda média de um empregado sem carteira é de R\$ 542,30 e a do trabalhador formal é de R\$ 906,70. O acréscimo de pessoas em busca de emprego, segundo o IBGE, poderia ser explicado pela necessidade de recompor a renda familiar.

O ministro do Trabalho, Ricardo Berzoin, numa interpretação otimista da pesquisa, afirmou que o “resultado reflete o estágio da economia quando ela ganha velocidade e se acelera. Isso aumenta a velocidade das pessoas que voltam ao mercado de trabalho”. O ministro acredita que já no segundo semestre os índices de

desemprego começarão a cair. Mesmo que seja assim, a realidade deverá permanecer muito aquém das expectativas criadas pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

O quadro é complexo e exige medidas em várias frentes: da racionalização tributária ao estímulo a setores com mais capacidade de contratar, passando pela melhoria do nível educacional e da qualificação do trabalhador. Nada disso, porém, será suficiente sem um processo vigoroso e contínuo de crescimento econômico. É desanimador constatar que o governo, até aqui, tem enfrentado essas questões com uma frenética rotina de anúncios e lançamentos de programas, mas sem os esperados resultados.

SUGESTÕES DE LEITURA

– Para estar atualizado e formar uma opinião sobre os acontecimentos do Brasil e do mundo convém que você leia, pelo menos uma vez por semana, em sua casa ou na biblioteca de sua escola, jornais e revistas como *Veja*, *Época*, *Isto é*, *Carta Capital* ou *Caros Amigos*.

Ainda em relação aos jornais, procure ler os editoriais porque eles são textos argumentativos que buscam formar a opinião dos leitores.

– Você também pode ter acesso a jornais e revistas pela internet. Consulte os sites www.veja.com.br, www.folhaonline.com.br, entre outros.

Sobre a autora

Profa. Dra. Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade

Doutora em Semiótica e Língua Geral, é professora de Filologia e Língua Portuguesa da USP, autora de *Relevância e contexto*. São Paulo: Humanitas, 2001; e co-autora de *Oralidade e Escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. São Paulo, Cortez, 1999.

Anotações

Anotações

Anotações